

ENTRE A ESCOLA E A VIDA: CONCEPÇÕES DO ATO DE LER POR ALUNOS/AS DO 5º ANO

Brenda Martinha Caldas Azevedo ¹
Joelma Reis Correia ²

RESUMO

É papel da escola propiciar o ensino do ato de ler como objeto cultural para a formação de alunos/as leitores/as, entretanto, o alto índice de analfabetismo no Brasil se distancia desse processo. Apesar de reconhecermos que muitos fatores contribuem para essa situação, nos interessamos neste trabalho pela questão pedagógica. Esta pesquisa teve por objetivo geral “Analisar a influência do ensino do ato cultural de ler na concepção dos/as alunos/as do 5º ano do Ensino Fundamental.” Definimos como objetivos específicos: “Discutir as concepções do ensino do ato de ler ao longo da história e as suas implicações para a (não) formação de crianças leitoras”; “Caracterizar os pressupostos do ensino do ato de ler como um objeto cultural”; “Analisar a concepção de alunos/as do 5º ano do ensino fundamental sobre o ensino do ato de ler”. A metodologia utilizada teve por base a pesquisa qualitativa, cujo tipo de pesquisa foi um estudo de caso, e utilizamos como técnica de geração de dados, o grupo focal, o qual foi desenvolvido com 6 alunos/as do 5º ano do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão - COLUN. Os/as autores que contribuíram com suas lentes para a fundamentação teórica e análise dos dados foram: Arena (2017), Bajard (2002), Jolibert (1994), Jolibert e Jacob (2006), Mortatti (2006), Smith (1998), Smolka (2012). A pesquisa revelou que o modo como o ensino do ato de ler foi trabalhado com os/as alunos/as, influenciou na concepção destes em relação a este objeto cultural, uma vez que o percebem como algo distante da vida, cujo objetivo é apenas servir para desenvolverem as atividades escolares.

Palavras-chave: Ato de Ler, Objeto Cultural, Crianças Leitoras.

INTRODUÇÃO

É papel da escola propiciar o ensino do ato de ler como objeto cultural. Embora o país tenha passado por avanços educacionais, esta instituição historicamente tem falhado em sua função de formar crianças leitoras. Em pleno século XXI, por exemplo, percebemos que a média de proficiência dos/as alunos/as do 5º ano do Ensino Fundamental em Língua Portuguesa não evoluiu nos últimos anos, observou-se uma queda nos resultados de 2021 demonstrado por 208,1, enquanto que no ano de 2023, evoluiu para 213,9, entretanto, ainda manteve-se abaixo do resultado de 2019 conforme os dados do Sistema de Avaliação de Educação Básica – SAEB (BRASIL, 2023), mantido pelo Ministério da Educação (MEC).

Apesar do reconhecimento de que muitos fatores contribuem para essa realidade, dentre os quais destacamos questões econômicas, sociais e políticas, neste trabalho lançamos o olhar para a questão pedagógica. Em contato com uma turma do 5º ano ensino fundamental, em uma escola da Rede Pública Federal, por meio do Estágio em Docência dos Anos Iniciais do Ensino

¹ Graduada no Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão; email: brenda.azzevedo8@gmail.com

² Profa. Dra. do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão; email: jr.correia@ufma.br

Fundamental, ofertado pelo Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, durante o semestre 2022.1, pudemos presenciar de perto as dificuldades das crianças em relação ao ato de ler, as quais foram acentuadas, conforme os profissionais da referida escola, pelo tempo pandêmico.

A partir dessa aproximação com as crianças do 5º ano e diante da problemática apontada pela escola, desenvolvemos uma pesquisa, na qual o objeto de estudo se volta para o ensino do ato de ler, cujos resultados foram materializados no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, no Curso de Pedagogia, no primeiro semestre do ano de 2023. Neste sentido, neste artigo, apresentamos um recorte deste trabalho, o qual tem por objetivo “Analisar a influência do ensino do ato cultural de ler na concepção dos/as alunos/as do 5º ano do Ensino Fundamental”.

Para alcançar esse objetivo, nos orientamos por uma abordagem qualitativa, sendo o tipo de pesquisa o estudo de caso. Tornaram-se participantes da investigação 6 crianças, com as quais fizemos uso da técnica de grupo focal para geração de dados. Foram essenciais para a fundamentação e análise dos dados autores/as, como: Arena (1992; 2008; 2017), Jolibert (1994), Jolibert e Jacob (2006), entre outros.

2 O ENSINO DO ATO DE LER COMO UM OBJETO CULTURAL

Na tradição escolar, a chamada leitura em voz alta, sempre teve hegemonia, pois a concepção de um/a bom/boa leitor/a é aquele/a que sabe pronunciar o texto, cuja atenção se volta para a decodificação correta das palavras e o “bom” uso da entonação. Neste sentido, deixava-se de contemplar o verdadeiro encontro do/a leitor/a com o texto, uma vez que dificilmente este/a, ao finalizar o que pronunciava, sabia dizer o que compreendeu.

Por isso, é comum no espaço escolar contemporâneo frases como esta: “O aluno leu, mas não compreendeu”. E assim, questionamos: E por que não compreendeu? Não compreendeu por que a sua preocupação e a de quem ensina está voltada única e exclusivamente para a pronúncia.

Dessa forma, se faz necessário caracterizar os pressupostos do ensino do ato de ler como um objeto cultural.

2.1 Os pressupostos para se pensar o ato de ler como objeto cultural

Temos discutido que, na prática escolar, o foco ainda recai na chamada leitura em voz alta, portanto, na decifração ou pronúncia. Essa tradição tem se perpetuado por décadas,

havendo necessidade de se problematizar com os/as professores/as a buscarem outros caminhos que, de fato, formem crianças leitoras.

Sabemos que por trás de uma prática ou caminho metodológico existem pressupostos teóricos que orientam os/as professores/as a agirem de determinada forma. No caso do ensino do ato de ler com a finalidade de formar crianças leitoras “pra valer”, temos: o objeto a ser ensinado na escola é o ato cultural de ler; as relações de ensino do ato de ler precisam ser pautadas em práticas dialógicas e, por fim, o ato de ler precisa ter o texto como unidade básica do ensino.

O pressuposto **“o objeto a ser ensinado na escola deve ser o ato cultural de ler”**, nos afasta de um ensino que olha para esta atividade como sendo sem sentido e sem objetivo para quem está aprendendo. Geralmente na escola, o ensino do ato de ler tem como objetivos “dar a lição” para saber se o/a aluno/a sabe pronunciar ou responder as perguntas de interpretação, muitas vezes, fazendo uso somente do livro didático.

Nesse sentido, ao ensinar o ato de ler, a escola precisa estar com o olhar voltado para a vida, pois é nela que estão os textos que usamos conforme as nossas necessidades. Quando, na sala de aula, as crianças leem por obrigação e o enfoque do ensino é somente voltado para o livro didático, o ato cultural se distancia desse processo.

É urgente pensar em um ensino do ato de ler voltado para as necessidades dos/as alunos/as. Entretanto, como já vínhamos discutindo, por muito tempo a decifração imperou no modo de alfabetizar, cujo principal instrumento são as cartilhas, as quais enfatizam a repetição de frases desconexas, destituídas de sentido para as crianças e “[...] as frases justapostas das cartilhas não possuem marcas de escrita, nem um eixo de significação, nem se constituem como um discurso estruturado numa dada situação.” (Arena, 1992, p. 73).

Essa prática acaba criando uma contradição no ensino deste ato cultural, a partir de duas situações distintas, conforme afirma Arena (2008): na primeira, o/a professor/a ensina a correspondência grafema/fonema; na segunda, o ato de compreender fica sendo de responsabilidade exclusiva dos/as alunos/as. Neste contexto, a concentração por parte destes/as se volta para a pronúncia e não, necessariamente, para a atribuição de sentido, uma vez que “[...] a intenção de compreender não lhe foi intencionalmente ensinada, nem aprendeu a movimentar todo seu acervo cultural para dar sentido ao que as marcas sugerem [...]” (Arena, 2008, p. 3).

Quando as crianças são submetidas às avaliações externas, especialmente em anos posteriores, não mais vale a capacidade de pronunciar bem as palavras, mas em algo que não foi ensinado a elas, ou seja, a capacidade de compreender. Com o passar dos anos de

escolarização, a pronúncia se mostra insuficiente para os/as professores/as, ou seja, no percurso inicial os/as alunos/as parece que aprenderam a “ler”, mas, depois, parece que desaprenderam.

O segundo pressuposto, **“as relações do ensino do ato de ler precisam ser pautadas em práticas dialógicas”**, possibilita a criança interagir com o texto desde o início, mesmo que ainda não saiba fazê-lo convencionalmente. Para tanto, Jolibert (1994) nos instiga a pensar sobre questões que precisam ser consideradas pelo/a leitor/a que está iniciando esse processo e devem ser ensinadas pelo/a professor/a: Por que encontro este texto e o que procuro nele? Como faço para entender este texto, isto é, construir seu sentido?

Nesse momento, o/a leitor/a começa a ter um olhar mais atento para o que deseja encontrar e, à medida que busca construir o sentido, imerge em dúvidas e pensamentos, que necessitam ser externalizados tanto para o/a professor/a e/ou em confronto com os/as colegas.

O terceiro pressuposto **“o ato de ler precisa ter o texto como unidade básica do ensino”**, nos permite compreender que não é possível ensinar a ler se não for pelo texto, o qual, segundo Jolibert (1994, p.149), “[...] deve ser entendido como todo escrito autêntico [...] integral, [...] que responde a uma determinada situação efetiva. Serve para comunicar, isto é, [...] explicar, argumentar e fazer entrar em jogo a função poética de linguagem.”

A partir desses pressupostos, é possível pensar um ensino do ato de ler que, de fato, forme crianças leitoras de texto.

3 O QUE DIZEM OS ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O ENSINO DO ATO DE LER

Para atender ao objetivo do trabalho, a pesquisa desenvolvida se caracterizou como um estudo de caso, por investigar um fenômeno contemporâneo em seu contexto natural e, ainda, devido as fronteiras entre o contexto e o fenômeno não estarem claramente definidas (Alves-Mazzotti, 2006). Consideramos, ainda, que esta pesquisa se caracteriza como tal, por dois motivos: em primeiro lugar, porque o nosso interesse pelo objeto surgiu somente quando tivemos a oportunidade de ter contato com um grupo de crianças, com o qual interagimos no semestre 2022.1, durante o Estágio em Docência de Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse contexto, fomos percebendo a sua relação com o ato de ler; em segundo lugar, porque essas crianças estão inseridas em um ambiente particular, uma escola pública da Rede Federal, e fazem parte das turmas do 5º ano desta escola, ou seja, a situação evidenciada foi algo vivenciado pelos/as alunos/as desta escola e, particularmente, no ano em foco.

A técnica utilizada para a geração de dados foi o grupo focal que, segundo Gatti (2005, p. 9), “[...] tem como objetivo captar entre os participantes percepções, os sentimentos e ideias,

possibilitando a compreensão de diversos pontos de vista e processos emocionais, advindo do próprio contexto de interação criado”. Os participantes da pesquisa foram 6 crianças, as quais serão identificadas pela letra inicial dos seus nomes. Os critérios definidos para a escolha dos participantes foram: (1) aqueles que faziam parte do grupo em que estávamos como estagiária; (2) alunos/as que expressaram desejo em participar da pesquisa quando convidados/as.

Durante o período em que estivemos com os/as alunos/as no Estágio Supervisionado em Docência de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, eles foram caracterizados/as por alguns profissionais da escola como aqueles/as que apresentavam dificuldades em relação ao ato de ler. Geralmente nós adultos tiramos nossas próprias conclusões no que se refere à aprendizagem das crianças, mas não as questionamos diretamente sobre isso, desconhecendo, muitas vezes, que elas “produzem significações acerca da sua própria vida e das possibilidades de construção da sua existência” (Rocha, 2008, p.46).

Olhando por essa perspectiva, consideramos importante iniciar o grupo focal com as crianças, questionando-as se sabiam ler, pedindo-lhes que justificassem sua resposta:

- Eu acho que eu sei ler por causa que quando eu era bem pequena a minha tia do reforço, ela me ensinou, aí até hoje nunca mais eu tive problema nesse tipo de coisa de não saber ler. **Ela começou com DA DE DI DO DU.** (Aluno J, grifo nosso).
- Eu acho que eu sei ler, **por causa que eu consigo entender** o que está escrito em histórias, livros e jornais. (Aluno V, grifo nosso).
- Eu acho que eu sei ler **porque eu consigo entender tudo que está escrito em minha volta.** Eu consigo decorar também, tipo, se eu ler, eu posso falar as palavras que estão escritas e consigo escrever. (Aluno L, grifo nosso).
- Porque **quando é uma prova a gente tem que saber ler** para poder a gente saber o que eles estão pedindo. (Aluno E, grifo nosso)
- Saber ler **é porque o professor passa muita atividade,** ele ajuda nossa autoestima de leitura, aí a gente ler mais, **e, também, ajuda no português, na escrita.** (Aluno A, grifo nosso).

O ser humano vai construindo sua percepção sobre o mundo a partir das relações que vai estabelecendo com as pessoas e com os instrumentos culturais, portanto, as respostas dos/as alunos/as, de certa forma, evidenciam que a sua compreensão sobre ler está estritamente relacionada às suas vivências em casa ou na própria escola. No caso dos/as alunos/as **E** e **A** ler limita-se a atender às demandas escolares, como a realização de atividades ou provas, portanto, eles restringem o ato de ler a algo único da sala de aula. O/a aluno/a **J** traz à tona o modo restrito e fragmentado de como iniciou o seu encontro com este objeto cultural o que, consequentemente, influenciará na apropriação desse ato. Essa relação com o ato de ler nos faz pensar que “[...] a criança vai sempre desenvolver o processo de identificação ao invés do processo de compreensão. Para na ‘estrutura aparente’ e julga que [...] ler é codificar sinais. Não ultrapassa essa estrutura para mergulhar na outra, na ‘estrutura profunda’” (Arena, 1992, p. 80, grifos do autor).

Por outro lado, V e L demonstram, que o ato de ler é uma questão de sentido e ultrapassa os muros da escola, à medida que enfatizam: “[...] eu consigo entender o que está escrito em histórias, livros e jornais [...]” (Aluno V, grifo nosso), e “[...] eu consigo entender tudo que está escrito em minha volta [...]”. Compreendemos, então, parafraseando Arena (2017), que o ato de ler só ganha estatuto de objeto se for usado com o fim para o qual foi criado, que se dá com o uso de suportes físicos e virtuais.

A partir do que diz o referido autor, consideramos importante indagar os/as alunos/as sobre “Como se lê ou como ensinariam alguém a ler?” e obtivemos as seguintes respostas:

- Eu ia começar pelo **alfabeto, as vogais**, depois quando escolhessem uma palavra no texto, eu ia ajudar ela a **soletrar** (Aluno J, grifo nosso).
- Eu começaria **pelas letras, quais os sons delas e a junção das sílabas e a junção de palavras nas frases**, também ia falar as palavras mais difíceis, para aprender a ler as palavras mais fáceis (Aluno A, grifo nosso).

É quase unânime as afirmações dos/as alunos/as sobre o ensino do ato de ler iniciando-se pelas letras. Como já foi discutido, a tradição escolar demonstra que, durante o esse processo, as crianças aprendiam as letras e, posteriormente, decifravam as palavras, principalmente, por meio de cartilhas.

As respostas apresentadas evidenciam o modo como os participantes aprenderam a ler e que, apesar de se encontrarem em um nível mais avançado de escolarização, não conseguem vislumbrar uma outra relação com esse objeto cultural, até mesmo aquelas que afirmaram em momento anterior que ler é compreender.

Tendo em vista que J, ao responder sobre como sua professora de reforço a ensinou a ler, relatou: “Ela começou com DA DE DI DO DU [...]”. Ao parafrasearmos Jolibert e Jacob (2006), poderíamos perguntar: É preciso ensinar as letras? Quando se deve usá-las? É possível compreender um texto sem primeiro, decifrar as letras? As próprias autoras respondem:

A resposta para essas perguntas é SIM...e NÃO. SIM, as crianças também têm de conseguir identificar as letras e entender como se articulam entre si em um sistema para gerar múltiplas palavras. NÃO, as letras não se “ensinam” mais de maneira tradicional: isoladas, descontextualizadas, prévias à compreensão leitora (Jolibert; Jacob, 2006, p. 187, grifos da autora).

Em consonância com as autoras, acreditamos que o problema não é ensinar as letras, pois as crianças precisam de fato conhecê-las, assim como outros caracteres, porém, ao ensinarmos isoladamente, descontextualizadas, retiramos desse processo a construção de sentido que somente pode acontecer por meio do acesso aos textos.

Dos seis participantes da pesquisa, apenas um, no caso E, respondeu que ensinaria a ler começando por “ler livro”. Então, o questionamos sobre como ocorreu sua apropriação do ato de ler, ao que respondeu:

Eu aprendi sozinho, eu fui conhecendo os livros, olhando o celular em casa, foi mais esforço meu para querer ler, porque na época eu queria ler bastante, eu tinha medo de em toda a minha adolescência não aprender a ler, então **coloquei minha cabeça para pensar e comecei aprender a juntar as palavras, aí fui desenvolvendo mais a leitura** (Aluno E, grifo nosso).

Observamos, na declaração do aluno que ele se afasta do posicionamento dos demais colegas, pois quando afirma que colocou a cabeça para pensar, está nos dando pistas para entendermos que não precisamos “[...] usar boca para ler, pois no mundo da escrita é a mente que assume essa função [...]” (Correia, 2011, p. 116), apesar de, em momento anterior, ter relacionado o ato de ler ao fato de precisar fazer a prova.

Diante disso, consideramos importante perguntar às crianças como a escola possibilitou-lhes o contato/acesso ao ato de ler no 5º ano.

- Com o projeto que vocês fizeram e **toda segunda feira a professora ***** falava que era pra(sic) gente ir na biblioteca ler o livro**, e quando a gente se sentava na segunda-feira no chão ela falava pra(sic) gente explicar o que a gente entendeu e qual era a importância do livro pra gente (Aluno J, grifo nosso).
- Com o projeto e **a roda de leitura que a professora ***** fazia com a gente** (Aluno V, grifo nosso).
- **A biblioteca também ajudou a gente a ler** porque possibilitou a gente ter contato com os livros (Aluno L, grifo nosso).
- **Roda de leitura do quinto ano** que a tia ***** fazia com a gente (Aluno A, grifo nosso).
- A professora *****, se a gente não trouxesse de casa, **ela trazia os livros da casa dela**, dava um tempo pra(sic) gente estudar sobre o livro e depois marcava o dia da roda de literatura (Aluno E, grifo nosso).

É possível observar que a maioria dos/as alunos/as deram ênfase à Roda de Literatura, atividade realizada pela professora de Língua Portuguesa. Ademais, E ressalta “[...] se a gente não trouxesse de casa, ela trazia os livros da casa dela [...]”. A diversidade de livros enriquece o espaço escolar, de modo que as crianças possuam o contato com diferentes gêneros. Todavia, é papel do/a professor/a orientar e auxiliar os/as alunos/as a explorarem esse universo, prática muito bem exercida pela professora de Língua Portuguesa.

Os participantes enfatizaram ainda que o acesso aos livros para a realização da Roda de Literatura ocorria via biblioteca, processo explicitado minuciosamente por J:

A gente tem a biblioteca, a gente ia lá, fazia o nosso cadastro, a gente podia pegar o livro e tinha aquele certo dia pra entregar, a gente pegava na sexta-feira, lia o livro no fim de semana e na segunda-feira a gente ia falar o que entendia na roda de literatura.

A biblioteca representa um espaço importante no meio escolar, em muitas situações, é a principal possibilidade que as crianças possuem para se aproximarem dos livros. Assim, “[...] a biblioteca escolar é um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do leitor [...]” (Côrte; Bandeira, 2011, p. 8).

Além do acesso aos livros de literatura, questionamos os/as participantes que outros textos eles/as tinham acesso no espaço da sala de aula, o que ficou subentendido que isso somente ocorria por meio do livro didático, exceto na disciplina de Língua Portuguesa que também usava poemas, revistas em quadrinhos, mangás etc.

Observamos, então, que existe a necessidade do uso de gêneros textuais diversos no espaço da sala de aula, de modo a ampliar o repertório dos/as alunos/as, bem como alargar suas experiências acerca do mundo. Apenas o livro didático não é suficiente para que eles/as demonstrem necessidade pelo ato de ler. Neste sentido, evidenciamos que apenas na disciplina de Língua Portuguesa as crianças tiveram contato com textos, o que, de certa forma, as isenta de ampliar ainda mais seu repertório cultural e de contribuir para a sua formação como leitoras, principalmente quando tiveram poucas experiências com o ato de ler como prática cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para “Analisar a influência do ensino do ato de ler na concepção de alunos/as do 5º ano do Ensino Fundamental”, foi necessário adentrar à escola para a realização do grupo focal com os/as participantes da pesquisa, tendo como base teórica autores/as que têm se debruçado sobre o ensino do ato de ler.

As concepções do ensino do ato de ler ao longo da história, têm demonstrado que, na tradição escolar, a leitura oral sempre teve hegemonia, pois acreditava-se que um bom/boa leitor/a era aquele/a que sabia pronunciar o texto, cuja atenção se voltava para a decodificação das palavras, prática ainda recorrente em muitas salas de aula. Como consequência, crianças aprendem a pronunciar, mas não aprendem a compreender.

Com a análise dos dados, constatamos que os/as participantes da pesquisa, seguem essa mesma direção. Apesar de perceberem a influência da leitura nas nossas decisões de vários modos, não conseguem relacionar este ato ao ambiente educacional. No entanto, a disciplina de Língua Portuguesa afetou positivamente a vida dos/as alunos/as, ao possibilitá-los o acesso a diversos livros, tanto em sala de aula, via Roda Literária, como nas orientações para frequentarem à biblioteca. Por outro lado, nas demais disciplinas no 5º ano, de uma forma geral,

o acesso dos/as alunos/as manteve-se limitado ao uso do livro didático. Ouvi-los/as por meio dessa investigação, foi crucial para que tivéssemos acesso à sua percepção sobre o ato de ler e como isso influencia na sua formação como leitores/as.

REFERÊNCIAS

ARENA, Dagoberto Buim. Bakhtin e alfabetização. **Educação**, Santa Maria–RS, v. 17, p. 71-89, 1992.

ARENA, Dagoberto Buim. Considerações em torno do objeto a ser ensinado: língua, 9i6linguagem escrita e atos culturais de ler e de escrever. **Humanidades nas Fronteiras: imaginários e culturas latino-americanas**, v. 9, p. 13-28, 2017.

ARENA, Dagoberto Buim. Dilemas didáticos no ensino do ato de ler. **In Anais do I Congresso Latino Americano de Compresion Lectora**, vol. 1, pp. 129-136. 2008.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Relatório de amostragem do Saeb 2023 [recurso eletrônico]. – Brasília, DF: Inep, 2023. p.4. Disponível em: https://download.inep.gov.br/ideb/apresentacao_ideb_2023.pdf. Acesso em: 9 out. 2025.

CORREIA, Joelma Reis. **Concepções e práticas do ensino de leitura em turmas de alfabetização em São Luís do Maranhão**. Marília, 2011. 146f. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual de São Paulo, Marília, 2011.

CÔRTE, Adelaide. Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2011.

GATTI, B. A. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2005.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. vol. 1. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

JOLIBERT, Josette; JACOB, Jeannette e colaboradores. **Além dos muros da escola: A escrita como ponto entre alunos e comunidade**. Trad. Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ROCHA, Eloisa Acires Candbal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.